

Congresso dos EUA critica a lentidão do Plano Brady

Washington — O Plano Brady para a redução da dívida externa do terceiro mundo completa um ano dia 10 de março, mas ainda não funciona como afirmaram economistas num debate no congresso dos EUA. O México é o único país que assinou no dia 4 de fevereiro último um acordo de redução de sua dívida de acordo com o Plano Brady, enquanto as Filipinas e Costa Rica conseguiram assinar acordos, mas ainda negociam detalhes.

Fred Bergsten, diretor do Instituto de Economia Internacional (IEI), disse ao subcomitê de dívida internacional do senado que o Plano Brady está subfinanciado e precisa no mínimo 50 por cento a mais de recursos dos que foram comprometidos para respaldá-lo. O Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o governo do Japão se comprometeram ao todo com 34 bilhões de dólares para apoiar acordos de redução da dívida. Desse total, o México já usou seis bilhões.

Bergsten disse que é necessário elevar o fundo para 50 bilhões de dólares e flexibilizar sua aplicação para maximizar os resultados. O professor Jeffrey D. Sachs, da Universidade de Harvard, disse que o Plano Brady necessita,

além de mais recursos, de um mecanismo para acelerar negociações com os bancos internacionais. Até o momento, a única forma de conseguir um acordo é que o Departamento do Tesouro dos EUA torça o braço dos banqueiros, disse. Com essa lentidão o Plano Brady não está exercendo o efeito positivo que poderia para apoiar reformas econômicas, opinou Sachs.

Sachs citou como exemplo a Venezuela, afirmando que o presidente Carlos Andres Perez colocou em marcha há um ano um extraordinariamente ambicioso programa de reformas e não retrocedeu apesar dos gravíssimos motins que causaram cerca de 300 mortes, e mesmo assim os bancos internacionais não deram ao país o apoio que necessita. Agora o plano se expõe a pressões e ataques políticos, porque prometeu progressos que não chegaram, explicou.

“Olhando pelo ângulo da Venezuela, o Plano Brady não funciona apesar do firme apoio do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial”, disse Sachs. Sachs disse que apesar das demoras nas negociações confia que a Venezuela chegará a um acordo com os bancos internacionais

ainda que o Tesouro tenha que continuar torcendo braços.

O economista estimou que a mesma reticência que os bancos mostram com a Venezuela é a que criou problemas com outros países como a Argentina e o Equador. “Os bancos não ajudam e a negociação com eles virou um processo tortuoso, que sistematicamente põe as necessidades financeiras do país no fim da linha”, disse.

FMI

Na sua opinião falta sacar do comitê bancário e pôr nas mãos do FMI, a análise das necessidades financeiras e, por fim, verificar quanto de redução cada país precisa nos juros da dívida. Isto por sua vez precisaria de um mecanismo para fazer com que os bancos aceitem o critério do FMI, para evitar os **free riders**, ou seja, bancos que pretendam aproveitar a negociação sem ariscar nada.

Bergsten, do Instituto de Economia Internacional, admitiu que as análises e critérios do FMI deveriam ter um papel mais central nas negociações com os bancos internacionais, mas questionou a conveniência de reduzir a voluntariedade do processo, ainda que tenha admitido que até o momento tudo tenha sido muito pouco voluntário e as conquistas seriam ainda mais escassas se o Tesouro americano não houvesse pressionado.

Disse que o México chegou a um bom acordo que reduziu o total da dívida externa do país a 15 bilhões de dólares, e que já começou a restabelecer a confiança, estimular o regresso de capitais e cortar drasticamente a inflação.

Latinos discutirão a dívida

Caracas — Uma conferência interministerial sobre a dívida externa da América Latina e do Caribe está marcada para os dias 21 e 22 de junho, anunciou o secretário permanente do Sela, o uruguaio Carlos Perez del Castillo. Os representantes governamentais dos 26 países da

região membros do Sistema Econômico Latino-Americano, reunidos desde quinta-feira em Caracas, aprovaram ontem o documento sobre a dívida, que servirá de tema para a conferência, até o momento ainda não foi determinado o local escolhido para o encontro.